



GÊNERO E SUCESSÃO RURAL: PERSPECTIVAS DAS ESTUDANTES DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

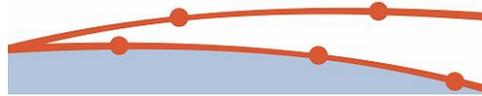
**Graziela Corazza
Raquel Breitenbach**

Resumo: Apesar de as mulheres estarem conquistando maior espaço no ramo agrícola, ainda persiste um ambiente não igualitário, com uma divisão sexual do trabalho e a invisibilidade do trabalho feminino. Em cursos voltados a área agrícola, observa-se a adesão cada vez maior do público feminino, sendo importante que as instituições de ensino contemplem discussões de gênero e diversidade. O presente trabalho objetivou identificar as intenções e perspectivas de permanência no campo e sucessão rural das jovens mulheres estudantes do IFRS – Campus Sertão. A pesquisa é quantitativa e os dados empíricos foram obtidos através de um questionário fechado, aplicado em sala de aula – contemplando todos os níveis acadêmicos e a totalidade dos jovens que se auto declararam rurais, estudantes do IFRS Campus Sertão. Os dados foram analisados estatisticamente pelo programa PSPP, gerando análises univariadas e bivariadas (teste *Chi-square*). Como resultados, destaca-se a hegemonia do gênero masculino nos cursos das ciências agrárias, bem como o maior interesse destes por questões relacionadas à permanência na propriedade rural. As jovens mulheres estudantes ainda encontram um ambiente de menor oportunidade para participação nas atividades e na tomada de decisão nas propriedades rurais, bem como recebem menor incentivo dos pais para ficar na propriedade e serem sucessoras. Consequentemente, elas têm menor interesse em ser gestora ou sucessora da propriedade rural.

Palavras-chave: Jovens mulheres. Formação profissional. Ciências Agrárias. Desigualdade de gênero.

Introdução

Por muito tempo se acreditou que as desigualdades entre homens e mulheres eram explicadas por diferenças biológicas. Todavia, o conceito de gênero expressa outro entendimento, em que estas diferenças são socialmente construídas, modeladas pela sociedade e que, apesar disto, os papéis sociais masculino e feminino não existem isoladamente (MENASCHE et al., 1996). Mesmo assim, persiste uma relação entre gêneros que não é de igualdade, mas de hierarquia dos homens sobre as mulheres (FARIA, 1995).



O que se observa especialmente no setor agrícola é uma divisão sexual do trabalho (MENASCHE et al., 1996; SILVA, 2019) em que o trabalho da mulher é pouco reconhecido, sofrendo diferentes preconceitos que acabam se estendendo às atividades de extensão rural no Brasil (VILLWOCK, GERMANI & RONCATO, 2016). Contudo, Silva e Neto (2017) constataram um avanço nas discussões e práticas que envolvem a perspectiva de gênero, em comunidades rurais de Lagoa de Itaenga/PE, uma vez que as mulheres têm apresentado participação no espaço da unidade familiar e nas tomadas de decisão.

Considerando estes aspectos, a internalização desta perspectiva de gênero está presente desde a juventude das mulheres. Tanto que o tema “gênero” vem sendo debatido e incorporado em diversos aspectos, dentre eles acadêmicos, políticos, dos movimentos sociais, etc. (SILVA, 2019).

Historicamente e tradicionalmente, cursos técnicos, tecnológicos e superiores, relacionados à área agrícola despertam maior interesse do público masculino (PEREIRA & FERNANDES, 2018). No entanto, se observa a adesão cada vez maior do público feminino nestas áreas do conhecimento. Para melhorar esse equilíbrio, ações voltadas às discussões de temáticas de gênero e diversidade acabam sendo importantes nas instituições de ensino, visando proporcionar uma mudança de atitude e de conceitos internalizados nestas instituições (RIBEIRO, MAGALHÃES & RIZZA, 2016).

Neste contexto, o presente trabalho objetivou identificar as intenções e perspectivas existentes nas jovens mulheres estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Sertão, quanto à permanência no campo e sucessão rural. Espera-se, com esse trabalho, discutir e problematizar o atual papel da jovem mulher estudante na agricultura e como as relações sociais no campo interferem nas suas decisões sobre onde projetam seu futuro profissional, se no campo ou na cidade. Com isso, o foco desse artigo prioriza as mulheres, mesmo que utiliza como base comparativa a realidade e as perspectivas masculinas.

Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida no município de Sertão, Rio Grande do Sul, município sede do IFRS – Campus Sertão. Contudo, a região de abrangência da pesquisa compreende o Sul do Brasil, de onde se originam os estudantes do IFRS – Campus Sertão. Especialmente contempla as mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, onde fica localizado o



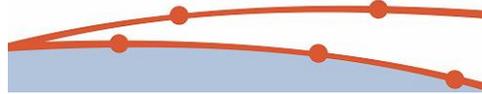
IFRS – Campus Sertão, Nordeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense em Santa Catarina e Centro-Oriental Paranaense no Estado do Paraná. A caracterização das áreas agrícolas na faixa de abrangência da pesquisa se dá por áreas de lavoura, com domínio e predomínio agrícola (IBGE, 2006).

Essa pesquisa caracteriza-se como quantitativa, envolveu dados e resultados mensurados em números, classificados e analisados, se baseando em técnicas estatísticas (RICHARDSON, 1989). Neste estudo, a pesquisa quantitativa envolveu coleta de dados *in loco*, a partir de questionário fechado e a posterior tabulação e análise estatística. O público alvo da pesquisa foi os jovens e as jovens rurais estudantes do IFRS – Campus Sertão. O IFRS – Campus Sertão, antiga Escola Agrotécnica Federal de Sertão (1993), foi criado em 2008 (IFRS, 2019) e oferece cursos técnicos na modalidade Integrada, Subsequente e Concomitante ao Ensino Médio, além de cursos Superiores e de Pós-graduação.

O período de realização da pesquisa foi de novembro de 2017 a fevereiro de 2018. A pesquisa procurou considerar todos os estudantes do IFRS – Campus Sertão com origem e laços com o campo. Quando da realização da pesquisa a instituição tinha 1.046 alunos matriculados nos cursos de Ciências Agrárias. Destes, 386 (36,9%) se autodeclararam jovens rurais e se disponibilizaram a responder o questionário. Entendem-se como jovens rurais, neste caso, aqueles que possuem uma ligação direta com o meio rural, vivendo em família ou tendo uma fonte de renda na família provinda das atividades agrícolas.

Para coleta de dados empíricos, utilizou-se como ferramenta de pesquisa um questionário fechado, aplicado em sala de aula, contemplando todos os níveis acadêmicos da instituição. O questionário utilizado para coleta de dados foi organizado por sete blocos de questões, sendo eles: (1) Perfil dos e das jovens; (2) Perfil da propriedade; (3) Estudo e sucessão rural; (4) Interesse em permanecer no meio rural; (5) Incentivo e sucessão rural; (6) Gestão, trabalho e sucessão rural; (7) Motivos para a permanência ou não no meio rural e interesse ou não em ser sucessor. Dentro de cada bloco continham questões elaboradas com base e respaldo em pesquisas científicas sobre sucessão de propriedades, migração rural/urbana, e juventude no campo. Dentre os principais estudos que embasaram a construção do questionário destacam-se: Castro et al. (2013), Breitenbach e Corazza (2017), Brumer (2007), Spanevello e Lago (2007), Spanevello (2008), Carvalho, Santos, Júnior e Ferrer (2009), Prediger (2009), Caputo (2002), entre outras.

Como procedimento de pesquisa, fez-se uso dos passos descritos por Babbie (2003): (1) Coleta e quantificação de dados; (2) Os dados coletados foram armazenados em



um banco de dados; (3) Realizou-se análise após a coleta para confirmar uma teoria de comportamento social. No passo (1) a coleta de dados foi realizada utilizando questionário. Nos passos (2) e (3) utilizou-se o programa estatístico PSPP. O programa estatístico PSPP é livre, e se apresenta como alternativo ao programa estatístico SPSS - *Statistical Package for Social Science for Windows*. A fase (3) contou com os resultados da pesquisa e com os dados e informações obtidos na pesquisa bibliográfica.

As análises estatísticas no PSPP foram univariadas, a fim de estipular a frequência de variáveis, e análises bivariadas, utilizando o teste *Chi-square*. Para as análises bivariadas, realizou-se o cruzamento da variável “gênero” com as demais questões relacionadas à propriedade e sucessão rural. Assim, a partir do teste *Chi-square*, foi possível evidenciar e investigar a relação entre gênero e motivações e perspectivas de permanência no campo e interesse na sucessão familiar. Foram cruzados os aspectos apresentados no Quadro 1.

Quadro 1. Identificação de variáveis correlacionadas com a variável “gênero” no teste *Chi-square*.

Questões/variáveis correlacionadas pelo teste de <i>Chi-square</i>	
Gênero versus	Envolvimento/participação nas atividades gerenciais
	Níveis de interesse do jovem em ser o gestor
	Ser o sucessor
	Permanecer na propriedade ou no meio rural
	Buscar emprego e morar na cidade
	Qual a participação nas tomadas de decisões na propriedade
	Qual a participação nas atividades da propriedade
	Incentivo dos pais para cursar faculdade
	Incentivo da mãe para permanecer na propriedade
	Incentivo do pai para permanecer na propriedade

Fonte: Elaboração dos autores.

Referencial Teórico: Juventudes, jovens mulheres e sucessão familiar rural

Os jovens são sujeitos políticos com importante participação nas dinâmicas locais e de desenvolvimento das comunidades e territórios rurais. Ainda, a juventude rural é uma representação social encarada como uma fase passageira de desenvolvimento, por estar associada ao local (rural), à terra, ao trabalho e à produção familiar (GALINDO, 2019). Por ser considerada uma fase preparatória para a vida adulta, que seria o tempo de ter autonomia sobre suas escolhas, os leva a serem tratados como pessoas em formação,



incompletas, sem vivência, sem experiência, pouco levados a sério e, por isso, precisam de comando e regulamentação (GALINDO, 2019; TROIAN & BREITENBACH, 2018).

Cabe salientar que não existe uma única juventude. A juventude rural brasileira é diversa, tem múltiplas formas de autoidentificação, as quais foram construídas nos territórios onde os jovens vivem, são originadas de distintas etnias e da relação com a terra e o trabalho no campo. Este pluralismo é decorrente ainda, da diversidade de gênero, território e orientação sexual. Cabe considerar essa diversidade, ao mesmo tempo em que é necessário reconhecer que os jovens rurais têm aspectos em comum que os torna uma categoria política e grupo social com especificidades (GALINDO, 2019; TROIAN & BREITENBACH, 2018).

O fato de ter duplo enquadramento, sendo jovem e do campo, se cruza com questões sociais de gênero. As jovens mulheres, já são consideradas como em formação e sob tutela e, somado a isso, incide sobre elas a cultura patriarcal que condiciona as relações de gênero. Assim, elas acabam sendo responsáveis pelo trabalho doméstico, atividades não transformadas em renda, tidas como leves. Como consequência, seu trabalho é pouco valorizado. Permanece a dupla jornada campo, em que efetuam o trabalho doméstico e ainda participam do trabalho agropecuário. Apesar disso, existe uma invisibilidade no seu trabalho, sendo vistas como ajudantes dos maridos, pais e irmãos que também controlam a circulação delas em espaços públicos. Essa desigualdade de gênero favorece a maior migração das mulheres que buscam autonomia (BRUMER, 2000; BRUMER, 2007; GALINDO, 2019).

A unidade de produção rural familiar é de complexa compreensão. Sendo assim, é necessário considerar a distribuição dos capitais no interior da família, o que é feito, na maioria das vezes, de forma muito desigual (MAGALHÃES, 2009). Os interesses desiguais entre homens e mulheres, neste caso, são explicados pela cultura e histórico familiar, sendo expressos em estruturas sociais de dominação. Para estes grupos sociais, estas estruturas são aparentemente normais, destacando-se estilos de vida e visões de mundo onde as mulheres são postas em desvantagem na grande maioria das famílias e sociedades (MAGALHÃES, 2009; BOURDIEU, 2007).

Ferber e Nelson (1993) acreditam que o papel social de homens e mulheres em tarefas que podem ser identificadas como de um ou de outro gênero, faz parte da crença social, estando sujeitas a variação com o passar do tempo devido a eventos históricos e culturais. No entanto, Brumer (2000) afirma que, embora as ocupações femininas sejam



definidas pelas capacidades naturais das mulheres em executar tarefas, a divisão de trabalho não é um processo cultural (MAGALHÃES, 2009).

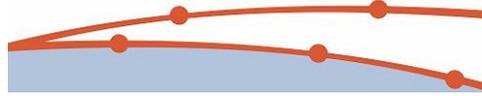
Esta diferenciação de gênero acaba gerando conflitos de interesses, que desencadeiam distintas funções entre homens e mulheres dentro da propriedade rural. As atividades produtivas que são destinadas ao autoconsumo da família são normalmente desempenhadas por mulheres, enquanto que ao homem cabe o desempenho de atividades de cunho comercial (TORRENS & MENASCHE, 1996). Este modo de vida no campo é tradicional desde a infância, sendo levado consigo para a juventude e permanecendo na vida adulta.

Muitas jovens mulheres gostariam de permanecer no meio rural, desenvolvendo atividades realizadas na propriedade dos pais e, em alguns casos, acrescentando novas atividades. Porém, o estigma em torno da presença feminina como gestoras de uma propriedade rural atrapalha sua permanência e a sucessão familiar para as jovens mulheres (BRUMER, 2007; BREITENBACH & CORAZZA, 2017; TROIAN & BREITENBACH, 2018; MATTE et al., 2019).

A redução no número de jovens mulheres no campo impacta negativamente na possibilidade dos filhos homens constituir matrimônio com jovens do meio rural. Isto dificulta os relacionamentos e geração de novas famílias pelos futuros sucessores. As jovens alegam que o casamento com jovens rurais poderia levá-las a um modo de vida semelhante ao de suas mães, o que não é desejado por elas. Portanto, o contexto em que estão e que serve de exemplo pra elas é que condiciona suas escolhas (BRUMER, 2007; BREITENBACH & CORAZZA, 2017; TROIAN & BREITENBACH, 2018; MATTE et al., 2019).

Ou seja, a migração seletiva das áreas rurais, com saída dominante de jovens mais escolarizados e do sexo feminino, dificulta a constituição de novas famílias no meio rural (MOREIRA, et al, 2018). Por outro lado, os filhos que querem ficar na atividade agrícola e têm uma esposa para compartilhar o trabalho (MATTE et al., 2019), na maioria das vezes se deparam com a sucessão tardia e baixa autonomia para participação na tomada de decisões da propriedade.

Complementar a isso, muitas vezes, o acesso à formação especializada na área de ciências agrárias ou gestão ainda não é o bastante para que seja concedida aos jovens maior participação nas decisões da propriedade familiar, restringindo sua participação ao trabalho produtivo. As decisões gerenciais de médio e longo prazo da propriedade rural



geralmente competem ao pai, reproduzindo uma cultura patriarcal que compõem os valores da sociedade brasileira, não só nos espaços rurais (MATTE et al., 2019).

Essa cultura concentra as decisões nas mãos dos homens, dificulta a participação da juventude, diminuindo as possibilidades destes permanecerem no campo (GALINDO, 2019). Conseqüentemente, se considerado dez anos do Censo Demográfico de 2000 até o Censo de 2010, 800.000 jovens no Brasil saíram do meio rural e migraram para as cidades, buscando emprego e estudo (IBGE, 2010).

Resultados e Discussão

Perfil dos jovens participantes da pesquisa

O futuro do meio rural depende dos jovens que nele estão inseridos, sendo estes a base de processos de desenvolvimento (ARAUJO, 2010). Desta forma, conhecer o perfil dos jovens estudados, permite traçar estratégias para o futuro do meio rural. No caso estudado, 76,6% dos jovens que participaram da pesquisa são do sexo masculino e 25,4% do sexo feminino. Com os dados de frequência de gênero, é possível constatar a hegemonia dos jovens do gênero masculino. Esta realidade, apesar de estar se alterando com o passar dos anos, ainda é observada nos cursos da área técnica e agrária. Ainda que as jovens mulheres venham conquistando seu espaço, elas acabam encontrando maiores dificuldades para conseguir um emprego na área de formação (OLIVEIRA, GAIO & BONACIM, 2009; SZÖLLÖSI & DIAS, 2017).

A maioria dos cursos ofertados no IFRS – Campus Sertão é diretamente relacionado à área das Ciências Agrárias. A pesquisa pode demonstrar que 92% dos jovens respondentes são relacionados a cursos das ciências agrárias. Apenas 8% dos jovens que participaram da pesquisa tem relação com o meio rural, mas realizam cursos não ligados diretamente ao ramo agrícola. A profissionalização dos jovens rurais é fundamental, uma vez que, como agentes de desenvolvimento, se tornam agentes de conhecimento, capazes de agregar mudanças e inovações no meio em que estão inseridos (ESPÍNDOLA, 2002).

Quanto à idade dos jovens rurais participantes da pesquisa, 71,2% têm de 14 a 20 anos, 23,6% têm idade de 21 a 25 anos, 4,7% de 26 a 30 anos e 0,5% têm de 36 a 40 anos. Esta maioria em idade mais jovem se mostra devido ao IFRS – Campus Sertão oferecer a modalidade de Curso Técnico Profissionalizante, Integrado ao Ensino Médio, em que os



estudantes ingressam ainda no ensino médio e com idade menor. A realidade encontrada nas escolas agrícolas, de escolha de um curso profissionalizante desde cedo, demonstra a autonomia que os jovens vêm adquirindo, perante suas decisões de escolha profissional (SILVA, PELISSARI & STEIMBACH, 2013).

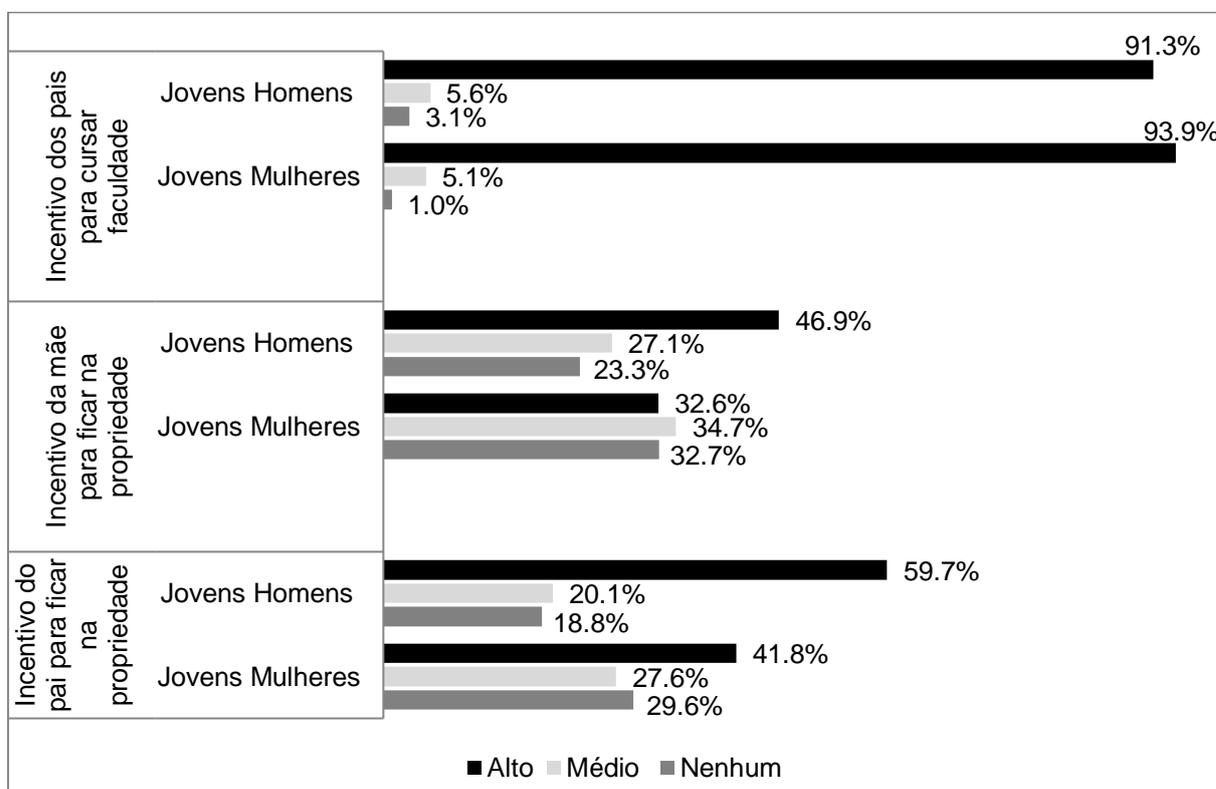
Além disso, esta maioria jovem, que acaba de ingressar em um curso, seja ele de nível técnico ou superior, é que irá impactar no campo, em longo prazo. Isto por que o nível educacional de um jovem afeta a dimensão de seu espaço na trajetória do ciclo da vida e, além disso, à medida que a sociedade demanda por qualificação, o período da juventude se prolonga devido ao adiamento da entrada na vida adulta (MADEIRA, 2006).

A relação de gênero e sucessão rural

As questões de sucessão rural são intrinsecamente ligadas às oportunidades e os elos de confiança que os pais têm com os filhos, envolvendo a transferência de terras aos futuros herdeiros (SILVA & NETO, 2017). Por isso, a presente pesquisa investigou se os pais motivam mais os jovens homens ou as jovens mulheres a cursar faculdade e a permanecer na propriedade e no meio rural. O resultado é apresentado no Gráfico 1.



Gráfico 1. Motivação e incentivo dos pais para os jovens e as jovens rurais do IFRS – Campus Sertão cursarem faculdade e permanecerem na propriedade rural.

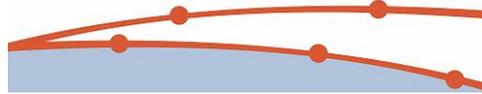


Fonte: Elaboração dos autores.

Pode-se observar que há uma alta motivação dos pais para que os filhos busquem uma formação profissional de nível superior, independente do gênero. Isto demonstra a preocupação dos pais para com a profissionalização dos filhos.

Contudo, quanto ao incentivo dos pais para os jovens permanecerem na propriedade, vê-se um menor percentual de jovens que se sentem altamente incentivados. O incentivo da mãe, por sua vez, é menor do que do pai. Nota-se que, tanto a mãe quanto o pai, incentivam menos a filha mulher a permanecer na propriedade, sendo a mãe a figura que mais motiva a filha a sair da propriedade, uma vez que 32,7% do total de mulheres diz ter nenhum incentivo da mãe para este aspecto.

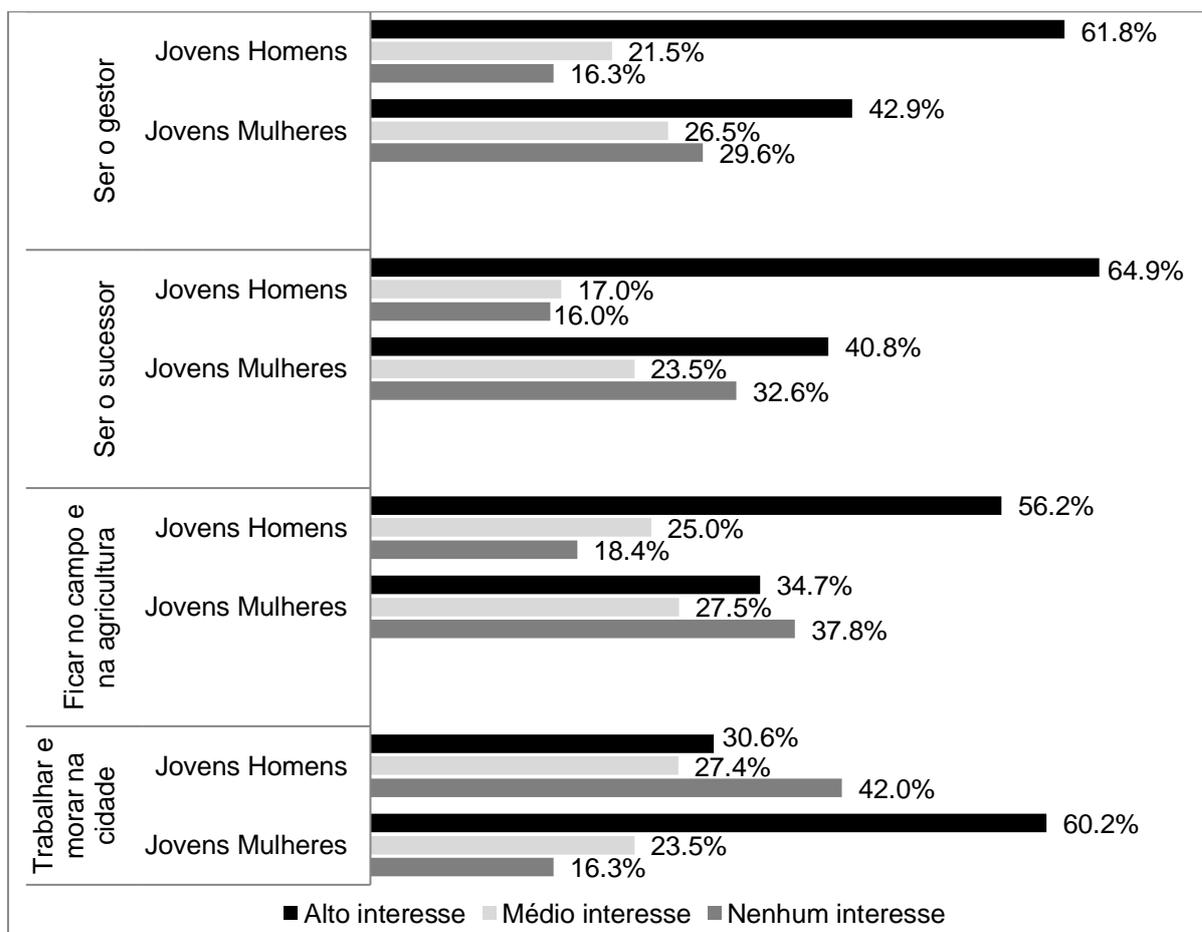
Isto pode ser relacionado com os afazeres do campo para a figura da mulher estarem condicionados aos afazeres domésticos, bem como serem visualizados como ajuda, tendo elas baixa autonomia no campo (ABRAMOVAY et al., 1998). Neste sentido, a mãe não almeja para o futuro da filha, a realidade que ela teve no passado ou têm no presente (RAMOS, ANGNES & COSTA, 2018). E, além disso, a internalização e negação da



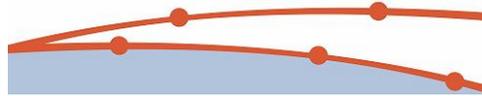
mulher como agricultora é algo internalizado não só por ela, mas pela família como um todo (SILVA et al., 2018).

Já o interesse dos jovens em ser sucessor e gestor da propriedade dos pais, permanecer na propriedade ou trabalhar e migrar para o meio urbano é apresentado no Gráfico 2. Pode-se visualizar que a maioria dos jovens têm interesse em ser o gestor e ser o sucessor da propriedade dos pais. Para ambos os aspectos, visualiza-se o maior interesse por parte dos jovens homens, uma vez que 61,8% do total de homens têm alto nível de interesse em ser o gestor, e 64,9% em ser o sucessor, contra 42,9% e 40,8% das jovens mulheres, respectivamente. Da mesma forma, são os jovens homens que mais têm interesse em permanecer na propriedade ou no meio rural.

Gráfico 2. Interesse dos jovens e das jovens rurais do IFRS – Campus Sertão na sucessão e gestão da propriedade rural dos pais e em trabalhar e migrar para o meio urbano.



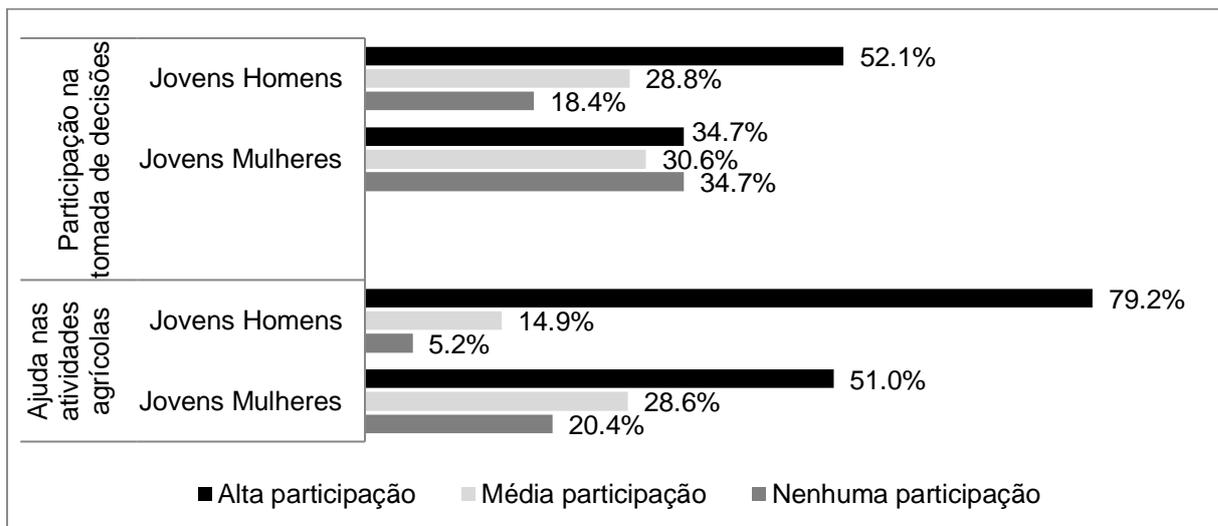
Fonte: Elaboração dos autores.



Por outro lado, nota-se o baixo percentual de jovens que desejam buscar emprego e morar na cidade. Contudo, quando este parâmetro é analisado na perspectiva de gênero, nota-se o maior interesse das jovens mulheres em buscar trabalho e migrar para o meio urbano (60,2% do total de mulheres). Estes resultados vão de encontro aos encontrados por Silva e Neto (2017) no Sul do ES/Brasil. Estes autores constataram que, apesar dos fatores atrativos dos centros urbanos e a oportunidade de emprego, educação, saúde e lazer, 74% dos proprietários rurais não pretende migrar para o meio urbano.

São também os jovens homens que mais ajudam nas atividades agrícolas na propriedade e têm maior inserção no processo gerencial ao participarem mais na tomada de decisões da propriedade rural dos pais, conforme mostra o Gráfico 3.

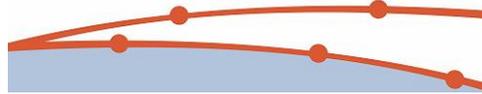
Gráfico 3. Participação dos jovens e das jovens rurais do IFRS – Campus Sertão na propriedade rural dos pais.



Fonte: Elaboração dos autores.

Enquanto entre os jovens homens 52,1% têm alto nível de participação nas tomadas de decisões, apenas 34,7% das jovens mulheres têm este mesmo nível de participação. A insegurança dos proprietários rurais quanto à transferência de suas propriedades aos sucessores e a minimização da autonomia dos jovens na propriedade, pode influenciar negativamente na continuidade da empresa rural (SILVA & NETO, 2017).

A pesquisa de Strapasolas (2011) constatou que os jovens que buscam um grau de escolaridade mais elevado são os que pretendem sair da propriedade, enquanto os jovens que permanecem na propriedade acabam por estudar menos. Porém, a presente pesquisa

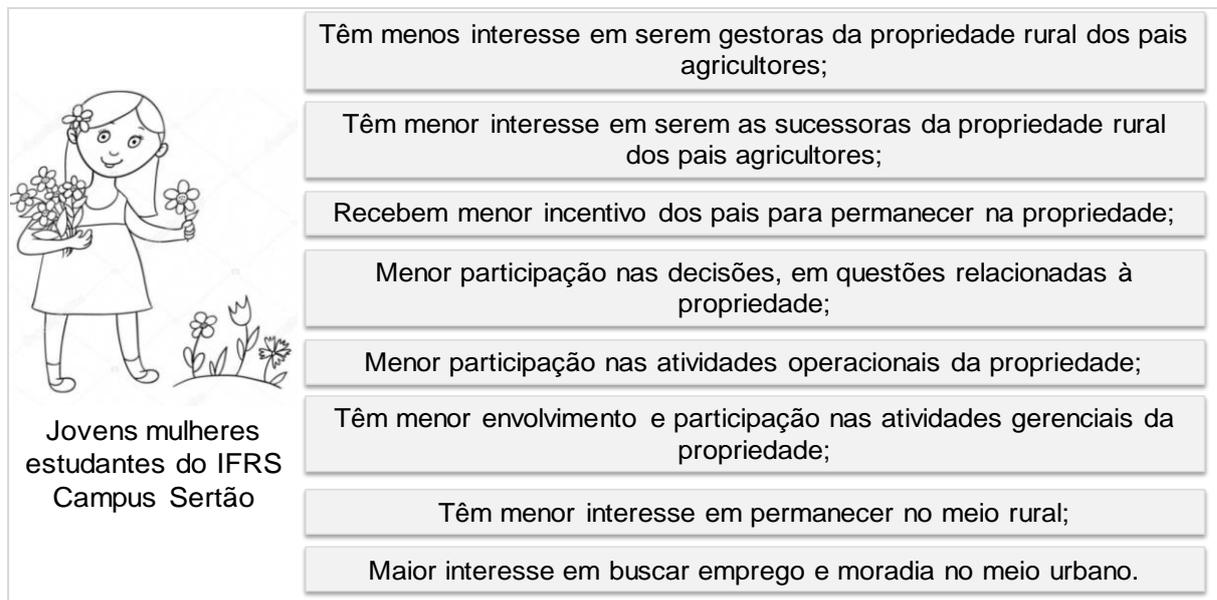


parece contrariar esses resultados, ainda que as diferenças de gênero estão presentes. O que pode se observar é uma perspectiva otimista quanto às intenções de futuro no campo para os jovens estudantes do IFRS – Campus Sertão.

As jovens rurais estudantes do IFRS Campus Sertão e condicionantes da permanência no campo e sucessão rural

No que se refere aos aspectos relacionados às intenções e perspectivas das jovens mulheres em permanecerem no campo e serem sucessoras, a análise bivariada realizada pelo teste de *Chi-square*, apontou existir dependência entre alguns fatores, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1. Jovens mulheres estudantes do IFRS Campus Sertão e a correlação com a sucessão rural e permanência no campo (Variáveis que apresentaram significância no teste *Chi-square* $p < e = 0,05$).



Fonte: Elaboração dos autores.

As jovens rurais que estudam no IFRS Campus Sertão apresentaram significativamente menos interesse que os jovens homens tanto em serem gestoras ($p=0,001$) quanto sucessoras ($p=0,00$) da propriedade rural dos pais. Conseqüentemente, têm significativamente mais interesse em migrar para a cidade em busca de trabalho e estudo ($p=0,00$) e significativamente menor interesse que os jovens homens em permanecer



no campo ($p=0,00$). Considera-se que esse contexto é também resultante de estas jovens terem significativamente menos incentivos ($p=0,036$), por parte de seus pais, para permanecerem no campo e serem sucessoras, bem como menor participação nas atividades agropecuárias da propriedade ($p=0,00$) e nas atividades gerenciais e tomadas de decisão ($p=0,02$).

De modo geral, e implicitamente, as famílias agrícolas possuem regras para a escolha do sucessor familiar. Tais regras consideram, por exemplo, o número de sucessores, a ordem de nascimento, a dedicação, a capacidade das crianças e jovens para o trabalho agrícola e, inclusive, seu gênero, como critério consideravelmente mais importante para definir quem seguirá à frente da propriedade (NEIMAN, 2013).

As desigualdades de gênero são condições em que as mulheres, em especial as jovens, acabam ficando numa posição subordinada dentro do contexto da estrutura familiar. Comparativamente aos homens, as mulheres têm menores perspectivas profissionais e motivacionais para permanecer no meio rural, uma vez que se evidencia: a falta de autonomia econômica e pessoal das mulheres rurais; a invisibilidade destas como trabalhadoras e cidadãs, tendo seu trabalho avaliado como ajuda dentro da família; a não participação delas perante decisões sobre aspectos produtivos ou de comercialização de produtos da propriedade; seus conhecimentos e experiências serem menosprezados; as desigualdades na distribuição das atividades produtivas e de reprodução, bem como no acesso à propriedade da terra (BRUMER, 2004; SILIPRANDI, 2011). Além disso, a menor participação das jovens, desde crianças, nos processos agropecuários, acabou distanciando-as da cultura local e rural, tornando mais difícil para elas o processo de sucessão (NEIMAN, 2013).

Na maior parte dos casos, as mulheres não são consideradas como possíveis sucessoras, sendo esta realidade mais presente em famílias que tenham filhos jovens mulheres e jovens homens (KEATING & LITTLE, 1997). Por outro lado, na região dos Pampas Argentinos, o cenário onde os homens têm preferência como sucessor está passando por transformações, com maior grau de “democratização” nas relações que envolvem gêneros e gerações (NEIMAN, 2013). Contudo, o gênero e a aptidão física ainda são os principais critérios para a elegibilidade na herança e sucessão familiar. O percurso educacional e de formação do jovem também tem interferido para eleger novos sucessores (NEIMAN, 2013).



Sob outra perspectiva, as mulheres rurais que participam, de forma ativa, de entidades representativas de sua classe, vêm construindo identidades em comum, fundamentadas no seu engajamento em ações que questionam as desigualdades de gênero no meio rural. Estas mulheres discutem o modelo produtivo e de organização familiar, uma vez que pertencem à realidade opressiva no interior das famílias. Apesar disto, elas consideram o modelo familiar como sendo o mais adequado e justo para um desenvolvimento rural equilibrado e equitativo (SILIPRANDI, 2009).

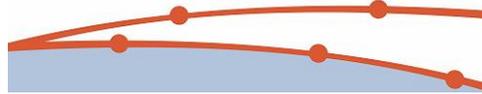
Conclusão

A partir da presente pesquisa pode-se observar um cenário otimista de sucessão rural, em que um nível maior que 50% dos jovens rurais, estudantes do IFRS – Campus Sertão, pretendem voltar para o meio rural ser sucessor e gestor da propriedade dos pais. Porém, ainda é possível visualizar distinções significativas de gênero. Estas distinções se relacionam a baixa perspectiva das jovens mulheres estudantes em permanecer na propriedade, uma vez que 60,2% vislumbra o futuro no meio urbano. Elas continuam sendo influenciadas pelos pais a deixar o meio rural. Contribuindo para isto, elas participam menos das atividades e das decisões, o que é considerado um fator importante na disposição de ficar ou sair da propriedade.

Contudo, a tradição do trabalho feminino se restringir ao trabalho doméstico, acarreta no despreparo das mulheres para o papel de sucessoras. E os homens, que tradicionalmente têm as tarefas laborais ligadas ao campo, seriam julgados como os mais preparados para o futuro de sucessor (GRUBBSTRÖM & SOOVÄLI-SEPPING, 2012).

No entanto, o papel da mulher no campo, nos mais diversos espaços onde ela atua, quer seja na produção agrícola, no espaço político ou doméstico dentro da unidade familiar (SILVA et al., 2018) é fundamental. Porém, enquanto as jovens mulheres, que tradicionalmente acompanham o trabalho de suas mães, enxergarem na realidade da figura materna uma posição social de trabalho para o qual não desejam para seu futuro, as jovens continuarão a buscar saídas para não seguir os passos dentro da propriedade agrícola e a mesma trajetória, sem autonomia e reconhecimento, de suas mães.

Em contra partida, se considerada a evolução histórica, é possível traçar uma trajetória de mudanças no papel da mulher no campo, com ganho de autonomia e maior inserção política e social. Isto, somado ao incremento tecnológico – que não exige mais o



trabalho braçal e a força física como necessidade básica para o trabalho agrícola; a crescente importância da gestão rural e a necessidade de pessoas dispostas a atuarem nessa área; a maior inserção das mulheres em cursos das ciências agrárias; entre outros aspectos, podem indicar um cenário de aumento na permanência e sucessão familiar por parte das jovens mulheres.

Referências

- ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; CORTINA, N.; BALDISSERA, I. T.; FERRARI, D. L.; TESTA V. M. **Juventude e Agricultura Familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Edição UNESCO, 1998.
- ARAUJO, K. Configuraciones de sujeto en la modernidad latinoamericana: el caso de Perú a inicios del siglo XX. **Revista Chilena de Literatura**, vol. 76, p. 5-25, 2010.
doi:<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22952010000100001>
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisa em survey** (2ª ed.). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2007.
- BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. (2017). Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 29, p. 9, 2017. Disponível em: <<http://www.revistaespacios.com/a17v38n29/a17v38n29p09.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2019.
- BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-52.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, vol. 12, n. 1, p. 205-227, jan-abr. 2004.
- BRUMER, A. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Trabalho apresentado no XXII Congresso Internacional da Latin American Studies Association: Miami, 2000.
- CAPUTO, L. Informe de Situación: Juventud Rural Argentina 2000. In: **Ministerio de Desarrollo Social y Medio Ambiente, Dirección Nacional de Juventud, Buenos Aires**. 2002. Disponível em: <<http://fediap.com.ar/juventud-rural/>> Acesso em: 10 jan. 2019.
- CARVALHO, D. M.; SANTOS, A. B.; JÚNIOR J. P. S.; FERRER, M. T. Perspectivas dos jovens rurais: campo versus cidade. **Anais Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 47, 2009. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/735122/perspectivas-dos-jovens-rurais--campo-versus-cidade>> Acesso em: 10 jan. 2019.



CASTRO, A. M. G. de; LIMA, S. M. V.; SARMENTO, E. P. DE M.; VIEIRA, L. F. **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso a terra no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.

ESPÍNDOLA, H. D. **Nuevo Enfoque de Políticas Públicas de Juventud rural**, vol. 1, n. 12. México: Seminario Internacional “La Revalorización de los grupos Prioritarios en el Medio Rural”, 2002. Disponível em: <<http://juventudruralemprendedora.procasur.org/wp-content/uploads/2013/08/NUEVO-ENFOQUE-en-POLI%CC%81TICAS-PU%CC%81BLICAS-de-JUVENTUD-RURAL.pdf>> Acesso em 10 mar. 2019.

FARIA, N. **Gênero como marco conceitual para entender a opressão das mulheres**. São Paulo, SOF: Sempreviva Organização Feminista, 1995.

FERBER M.; NELSON, J. The social construction of economics and the social construction of gender. In: FERBER M.; NELSON, J. **Beyond economic man: feminist theory and economics**. University of Chicago Press, 1993.

GALINDO, E. Olhares sobre as juventudes do campo. Capítulo 5 - Participação juvenil, ativismo, trabalho e geração de renda. In: MONTECHIARE, R.; MEDINA, G. (orgs.) **Juventude e educação: identidades e diretos**. São Paulo: FLACSO, 2019.

GRUBBSTRÖM, A.; SOOVÄLI-SEPPING, H. Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession. **Journal of Historical Geography**, vol. 38, pp. 329-339, 2012. doi:10.1016/j.jhg.2012.03.001

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados do Censo Populacional 2010**. Brasília: IBGE, 2010.

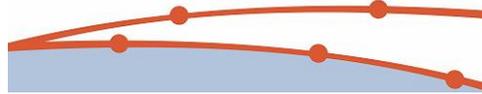
IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário de 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf> Acesso em: 21 jan. 2019.

IFRS. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. **Histórico**. 2019. Disponível em: <<https://ifrs.edu.br/sertao/institucional/historico/>> Acesso em: 15 jan. 2019.

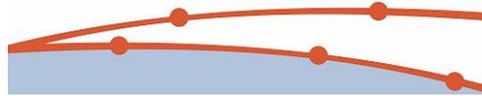
KEATING, N. C.; LITTLE, H. M. Choosing the Successor in New Zealand Family Farms. **Family Business Review**, vol. 10, n. 2, p. 157–171, 1997. doi:<https://doi.org/10.1111/j.1741-6248.1997.00157.x>

MADEIRA, F. R. Educação e desigualdade no tempo de juventude. In: CAMARANO, A. A. (Org.) **Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição?** IPEA: Rio de Janeiro, 2006, p. 139 – 170.

MAGALHÃES, R. S. A “masculinização” da produção de leite. **RESR**, Piracicaba, SP, vol. 47, n. 01, p. 275-300, jan/mar 2009.



- MATTE, A.; SPANEVELLO, R. M.; LAGO, A.; ANDREATTA, T. Agricultura e pecuária familiar: (des)continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. **G&DR**. v. 15, n. 1, p. 19-33, Taubaté, SP, Brasil. Jan/abr 2019.
- MENASCHE, R.; TORRENS, J. C. S.; ESCHER, M. S.; BARGUIL, S. R. (Coord.) **Gênero e agricultura familiar**: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite. DESER - CEMTR/PR: Curitiba/PR, 1996.
- MOREIRA, S. da L.; SPANEVELLO, R. M.; JOVANOVICH, M. C.; VILLES, V. S. A renovação da gestão em propriedades rurais familiares. VI Simpósio da Ciência do Agronegócio. In: **Anais...** Faculdade de Agronomia, Porto Alegre/RS, 2018.
- NEIMAN, M. La herencia: los/as hijos/as y el tránsito entre generaciones en la agricultura familiar de la región pampeana argentina. **Estudios sociológicos**, vol. 31, n. 93, 2013.
- OLIVEIRA, A. R. De; GAIO, L. E.; BONACIM, C. A. G. Relação de Gênero e Ascensão Feminina no Ambiente Organizacional: Um ensaio teórico. **Revista de Administração da UFSM**, vol. 2, n. 1, p. 80-97, 2009. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/198346591279>
- PEREIRA, L. K. A.; FERNANDES, F. P. Introdução do debate sobre gênero e diversidade no IFCE Campus Crato: os primeiros passos. **Revista Diversidade e Educação**, v. 6, n. 1, p. 99-119, 2018.
- PREDIGER, S. Estado da Arte da Situação do Jovem Rural: a construção de identidades. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35475/38194>> Acesso em: 21 fev. 2019.
- RAMOS, V. S. de; ANGNES, J. S.; COSTA, Z. O Futuro da Fumicultura O Jovem Rural e o Dilema da Sucessão Geracional. **Desenvolvimento em Questão**, v. 16, n. 43, 2018. doi:<https://doi.org/10.21527/2237-6453.2018.43.548-572>
- RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C.; RIZZA, J. L. Gêneros e sexualidades: estratégias para promoção de debates na formação de professores/as. **Multiárea- Revista de didáctica**. v. 8, p. 87-115, 2016. doi:dx.doi.org/10.18239/mard.v0i8.1084
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.
- SILIPRANDI, E. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 4, n. 3, dec. 2009. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/9622>> Acesso em: 03 abr. 2019.
- SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. **Pensamiento iberoamericano**, n. 9, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3710909>> Acesso em: 15 mar. 2019.
- SILVA, F. A. A.; NETO, A. F. Sucessão familiar no agronegócio: estudo de múltiplos casos nas empresas rurais do Espírito Santo. **Revista Científica da Faccaci**, v. 2, n. 2, 2017.



SILVA, J. N.; FREITAS, M. J.; SILVA, T. E. S.; MOTA, C. L.; SILVA, A. V.; FERREIRA, G. B. Ferramentas participativas na construção da perspectiva de gênero em comunidades rurais de Lagoa de Itaenga – PE. **Cadernos de Agroecologia** – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF, v. 13, n. 1, 2018.

SILVA, M. R. da; PELISSARI, L. B.; STEIMBACH, A. A. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 2, p. 403-417, 2013. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022012005000022>

SILVA, M. R. da. Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar. **Braz. J. of Develop.**, v. 5, n. 3, p. 2095-2105, 2019.

SPANEVELLO, R. M. A situação das filhas na transmissão do patrimônio na agricultura familiar. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, p. 1-7, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST3/Rosani_Marisa_Spanevello_03.pdf> Acesso em 10 mar. 2019.

SPANEVELLO, R. M.; LAGO, A. As cooperativas agropecuárias e a sucessão profissional na agricultura familiar. **Anais Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, Londrina, Paraná, Brasil, 45, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237753840_as_cooperativas_agropecuarias_e_a_sucessao_profissional_na_agricultura_familiar> Acesso em: 15 mar. 2019.

STRAPASOLAS, V. L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista agriculturas: experiências em Agroecologia**, v. 8, p. 26 – 29, 2011.

SZÖLLÖSI, T. D.; DIAS, M. S. de L. Trajetória socioprofissional da mulher na agronomia: uma questão de renda e da satisfação profissional. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, vol. 10, n. 36, p. 5-27, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/7664/4784>> Acesso em: 15 mar. 2019.

TORRENS, J. C. S.; MENASCHE, R. **Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite**. DESER E Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Paraná: Curitiba, 1996. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/renata-menasche/menasche-renata-torrens-joao-carlos-genero-e-agricultura-familiar-cotidiano-de-vida-e-trabalho-na-producao-de-leite-curitiba-deser-cemtr-1996>>. Acesso em 01 de abril. 2019.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e Juventudes em Estudos Rurais do Brasil. **Interações (Campo Grande)**, vol. 19, n. 4, p. 789-802, 2018. doi:<https://doi.org/10.20435/inter.v19i4.1768>

VILLWOCK, A. P. S.; GERMANI, A. R. M.; RONCATO, P. E. dos S. Questões de gênero no mundo rural e na extensão rural brasileira. **Revista alamedas**, v. 4, n. 1, 2016.